

*Naturales*  
**A Entrevista**

Sem santo nem senha

POR **JOAQUIM LEITÃO**



*DR. MIGUEL DIAZ LOMBARDO, Antigo Ministro do Mexico em Paris*

**N.º 4 — Numero avulso 60 reis — 26 - XI - 1913**

**NÃO SE ACEITAM ASSIGNATURAS**

**Editor e proprietario: MARIO ANTUNES LEITÃO**

Composto e impresso na **Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor** — Rua da Cancellaria Velha, 70 — **PORTO.**

Todos os direitos de reprodução reservados

# A ENTREVISTA

— POR —

## JOAQUIM LEITÃO

Publicação semanal de 16 paginas de texto e capa illustrada com o retrato do entrevistado. Publicará entrevistas com os homens eminentes de toda a Europa e Americas, á medida que os acontecimentos as provocarem. Occupar-se-ha da politica portugueza sem distincções de côres politicas.

---

<b>Portugal:</b> Numero avulso . . . . .	60 reis
Pelo correio . . . . .	65 reis
<b>França e paizes da União Postal.</b>	50 centimos
<b>Brazil</b> (moeda portugueza) . . . . .	100 reis

Não se acceitam assignaturas

*As pessoas que quizerem receber A Entrevista pelo correio deverão remetter adeantadamente a importancia d'uma serie de numeros, accitando-se a partir de uma serie de quatro numeros, remettida á typographia de A. J. da Silva Teixeira, Successor, Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO.*

*As pessoas residentes no estrangeiro dirigir-se-hão ao auctor: Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.*

---

TODOS OS PEDIDOS D'A ENTREVISTA DEVEM SER DIRIGIDOS:

PORTO — Mario Antunes Leitão, R. Cancellia Velha, 70-1.º

LISBOA — Agencia d'« A Entrevista », Largo de S. Paulo, 7-1.º

EXTRANGEIRO — Joaquim Leitão, 4, Rue Faustin-Hélie—Passy—PARIS.



Wynot Wiggins Lewis

A large, stylized signature flourish consisting of several sweeping, overlapping lines that extend across the width of the page below the name.

# A ENTREVISTA

Sem Santo nem Senha

POR

JOAQUIM LEITÃO

N.º 4

26-11-1913

---

## UM ANTI-ULTIMATUM

DOS

Estados-Unidos á Republica do Mexico

determina-nos a entrevistar o antigo Ministro do Mexico em Paris.

---

Parecia dominado o incendio balkanico; as suas labarêdas haviam cessado de ensanguentar o horizonte internacional; apenas as commissões negociadoras velavam o rescaldo dos tratados: o anno presumia acabar mais reconciliadamente do que começára. N'isto a imprensa italiana ataca a França, rumores de desintelligencias entre a aguia franceza e a aguia negra perturbam o verde socego da Asia-Menor, e um aggravamento da situação mexicana vem recordar que uma das aspirações mais dilectas do Homem é opprimir os seus semelhantes, e que uma das funcções do governo do povo pelo povo é gerar dictadores e seleccionar tyranos.

A Grecia e a Turquia lá se accommodaram, a imprensa franceza socego o nervoso dos patriotas, assegurando-lhes que os jornaes italianos

haviam estancado a sua violencia, a Galia e a Germania longe de arregaarem as mangas para o box das desintelligencias, viam cada vez mais intelligentemente o problema da Asia-Menor, nem era emfim de recear que a paz georgiana do velho mundo pagasse as differenças d'uma nova discussão entre a Servia e a Austria.

Os mais guerreiros dir-se-iam em pleno defêzo de caça... ao homem. Reinava a paz.

Mas ahi pelo dia 12 de novembro as gazetas parisienses entraram a recordar que o Mexico era uma republica e os Estados-Unidos seus vizinhos. N'esse mesmo dia, o *Matin* referia que em Washington «causára a melhor impressão o discurso de Mr. Asquith no Guildhall, com as suas declarações relativas ao Mexico, e á attitude da Grã-Bretanha», tanto que

o embaixador americano em Londres fôra encarregado pelo presidente Wilson de apresentar os seus agradecimentos ao primeiro ministro inglez. O mesmo despacho accrescentava que «a recepção da copia official da communicação do general Huerta<sup>1</sup> aos representantes das potencias no Mexico não tinha até então modificado a attitude do governo, que continúa a esperar uma resposta cathgorica ás representações do sr. O'Shanghnessy<sup>2</sup> e que o presidente Wilson tinha ainda esperanças de que o regimen Huerta fallisse sem os Estados-Unidos terem necessidade de lhe oppôr um bloqueio, mas que era de notar que o sr. O'Shanghnessy estava preparado para entregar a embaixada e os archivos ao ministro da Noruega, no caso de ter de retirar-se subitamente. O sr. Bryan informou os ministros das Republicas da America Central sobre as medidas até então tomadas pelo governo de Washington, rectificou certas inexactidões mas, no que dizia respeito á politica futura, affirmou mais uma vez que o general Huerta não seria reconhecido».

E o telegramma terminou com estas duas notas que em politica internacional, sóam como dois tiros de canhão rompendo as hostilidades entre dois campos.

«A attenção crescente que o Presidente dá á idéa d'uma intervenção, leva alguns dos principaes jornaes a exprimir duvidas sobre a questão de saber se a adopção das medidas coercitivas, é justificavel.

«A canhoneira *Wheeling* chegou a Tuxpan; o couraçado *Louisiana* é ahi esperado hoje».

Vinte e quatro horas depois, o *Matin* intitulava *Mr. Wilson define a sua politica* este telegramma:

«O presidente Wilson definiu a politica que será seguida pelos Estados-Unidos a respeito do Mexico, e estou habilitado a comunicar os topicos principaes.

«1.º Os Estados-Unidos insistirão em que o general Huerta e todas as pessoas estreitamente ligadas a elle, sejam afastadas da gerencia dos negocios publicos. Para conseguir isto, os Estados-Unidos empregarão todos os meios, custe o que custar, e invadirão o Mexico, se tanto fôr necessario;

«2.º Empregar-se-hão todos os esforços para obter a renuncia do governo de Huerta, por uma pressão financeira. Por outras palavras, não se dará apoio algum ao governo Huerta para evitar a bancarrôta que parece inevitavel. Os capitalistas estrangeiros serão nitidamente avisados de que quaesquer compromissos tomados pelo actual regimen não serão reconhecidos, sendo portanto considerados nulos;

«3.º Se não bastar uma pressão financeira para conseguir o fim desejado, os Estados-Unidos recorrerão a um bloqueio dos portos do Mexico, reduzindo assim a nada as receitas aduaneiras e impedindo a importação de munições de guerra. Pensa-se tambem seriamente na possibilidade de fazer arrecadar os direitos das alfandegas mexicanas, pela marinha dos Estados Unidos;

«4.º Quando o general Huerta se tiver retirado do governo, tratar-se-ha de encontrar uma personalidade, accetavel pelos dois partidos, para assumir a presidencia provisoria, sob o protectorado dos Estados-Unidos;

«5.º O presidente Wilson deseja vêr convocada uma eleição geral, e

<sup>1</sup> Actual presidente da Republica do Mexico.

<sup>2</sup> Ministro dos Estados-Unidos no Mexico.

eleito um novo Parlamento e um novo Presidente ;

« 6.º Todas as potencias estão informadas e que no caso de intervenção, nada poderá levar os Estados-Unidos a apossar-se de territorios ;

« Póde ajuntar-se que, embora o presidente Wilson esteja decidido a seguir esta linha de conducta, deseja, porém, evitar toda e qualquer apparencia de precipitação, pelo que ainda não procedeu.

« Affirma-se mais nos meios officiaes que o presidente Wilson têm o apoio completo dos seus ministros. Presume-se que as palavras pronunciadas por Mr. Asquith do Guildhall abalarão a confiança dos partidarios do general Huerta e precipitarão a crise financeira. O sr. W. B. Hale está em conferencia, em Nigoles, com o general Carranza, o *leader* constitucionalista, <sup>1</sup> o presidente Wilson desmente que Mr. Hale proceda officialmente em nome dos Estados-Unidos, mas supõe-se que tenha sido incumbido pelo sr. Bryan (que se recusa a responder sobre este ponto) d'uma missão pessoal, cujos relatorios inspirarão confiança ao governo americano.

Outra ampulhêta de vinte e quatro horas trouxe mais terminante e cathorica precisão :

« Como se sabe, o governo de Washington dirigira-se ás grandes potencias europeas, pedindo-lhes que não reconhecessem o regimen do sr. Huerta, e que se oppozessem á sua continuação no poder.

« A França — como a Inglaterra e a Allemanha —, está, em principio, inhibida de intervir nos negocios internos de um paiz soberano. Mas emprega <sup>2</sup>

toda a sua auctoridade moral e diplomatica, para chegar d'accordo com os Estados-Unidos, a determinar ao Mexico uma situação normal que todo o mundo deseja. Os interesses francezes n'aquelle paiz são importantes ; os do nosso paiz nos Estados Unidos, são consideraveis.

« Isto dicta-nos a nossa <sup>1</sup> attitude.

« O governo de Washington declara que não tem a menor intenção occulta, que não visa nenhuma conquista, nenhuma annexação, que quer apenas a ordem e a tranquillidade restabelecidas na republica mexicana. E' n'esse sentido que os Estados-Unidos actuam junto dos governos europeus. O sr. Jusserand, embaixador francês em Washington, foi encarregado como os seus outros collegas da Europa, de estar em constante relação com o governo de Washington, para procurar o meio de pôr fim a um estado de coisas, que é gravemente prejudicial aos interesses de todos os paizes ».

Simultaneamente noticiava-se o desaparecimento do general Huerta, suppondo-se que com o fim de retardar a recepção da nota dos Estados-Unidos, ganhando assim tempo, e já se dava conta do aggravamento das difficuldades financeiras do Mexico : os bancos annunciando que só ás sextas-feiras, e mediante um pedido por escripto feito dois dias antes, indicando a somma, darão moeda metallica ao commercio, sendo já um impossivel obter dinheiro em especie, nas pequenas casas bancarias do Mexico, e sómente uma quantidade muito restricta, nos *guichets* dos grandes Bancos.

Seguiu-se o tradicional exodo dos subditos estrangeiros, especialmente dos americanos, em vespas de explosões internacionaes.

<sup>1</sup> O partido constitucionalista ou partido popular, é o partido em opposição ao governo do general Huerta.

<sup>2</sup> O texto francez diz : *mais elle emploie, ella, a França.*

<sup>1</sup> — Nossa, isto é, dos francezes.

O general Huerta, reaparecendo, não se mostrou disposto a ouvir a voz de Wilson, mas em Washington continuou-se a suppôr que os proprios mexicanos, seriam os primeiros a desembaraçar-se de Huerta, pois que a pressão moral dos Estados Unidos, actuaria como um toxico lento, não podendo deixar de acabar por tirar toda a força ao governo de Huerta.

Em todo o caso a nota de Washington ficára sem resposta, podendo de um dia para o outro, os Estados-Unidos considerarem-se obrigados ao bloqueio.

Trazida assim, de uma hora para a outra, a politica mexicana para o tablado internacional, evidentemente se tornava a questão do dia.

Que sabemos, porém, do Mexico, nós os europeus?

O que conhecemos da sua politica, mesmo da sua historia?

Sabe-se vagamente que foi lá fuzilado um imperador.

Isso foi ha um seculo, e de então para cá o Mexico deixou de ser um assumpto.

Voltando a sel-o é um assumpto em que todos estavamos em branco.

Os paizes, que não constituem as chamadas potencias, precisam de revoluções, de regicidios, de guerras ou de mudanças de regimen, para se tornarem lembrados. Os pequenos paizes são como as creanças apertadas n'uma multidão: ninguem os vê, precisam de gritar para se occuparem d'elles. O mundo esquece-os, só d'elles se lembrando, quando dão accordo de si.

E' o que succede agora com o Mexico.

N'este momento, a Europa espreguiça-se e considera:

— «E' verdade! Existe uma coisa *la-bas* que se chama o Mexico.

E a Europa, erudicta, suspira:

— «Pobre imperador Maximiliano!»

Abre enfasiado os jornaes da manhã, e o europeu fica, então, muito admirado de não lér a reportagem do imperatoricidio.

E' outra coisa: um general, um tal Huerta, presidente, e o Mexico está em republica. A profunda Europa não déra por isso. O Mexico não a interessára.

Todavia o Mexico — que póde muito bem amanhã interessar o mundo inteiro, se os Estados-Unidos praticarem a ameaça do bloqueio, — já hoje interessa pelo principio da *pressão moral* de que o sr. Wilson abriu o precedente.

Para qualquer povo pequeno e attribulado esta phase da historia politica do Mexico não é caso para desprezar.

Demais a mais, os Estados-Unidos teem uma vastidão territorial que os não obriga ainda a, como a Allemanha, declarar que precisa de crear *une place au soleil*.

O sr. Wilson não é um Alexandre nem um Napoleão; a pressão moral sobre a Republica do Mexico resulta um estranho gesto que não saberiamos explicar sem a ajuda de qualquer visinho que, conhecedor da vida do Mexico, e do que vae por casa do presidente Huerta, nos puzesse em condições de entender o acto politico dos Estados-Unidos.

Fômos, pois, em demanda de quem conhecesse a actual situação mexicana, suas causas remotas e recentes, nacionaes e internacionaes, e nos preleccionasse sobre os confusos e imprevisos telegrammas d'esta primeira quinzena de novembro, que parecia querer acabar na dôce consumpção d'um reconciliado outomno, para afinal nos sair o primeiro tempo d'uma sonáta em que o compositor, parece querer descrever os imponentes efeitos d'uma tempestade.

# O Paiz das Dictaduras

Do general Diaz ao general Huerta — Quem era o presidente Madero — A politica dos Estados-Unidos no Mexico.

Antes de procurarmos o antigo ministro do Mexico em Paris, quizemos ouvir uma testemunha estrangeira e estranha a todas as paixões politicas d'aquelle paiz.

Chama a isto o jornalismo francês: ouvir *l'autre son de la cloche*.

E' um processo seguro de inquirir um assumpto: ouvir os dois sons do sino.

N'este caso nem o estrangeiro pôde ser dado por suspeito, nem o antigo ministro mexicano por partidario apaixonado.

O estrangeiro a quem pedimos estes informes, foi o primeiro natural da America Central, que encontramos. Não tivemos preferencias, mas se as tivéssemos, eram merecidas.

Trata-se d'um medico de Costa Rica — «a Suissa da America Central» — que conhecemos, de o vermos estudar conscienciosamente especialidades nas clinicas de Paris e da Allemanha.

Americano, da America latina, é um latino na alma, um hespanhol no corpo; mas talvez a clinica, talvez a sua familiariedade com a sciencia germânica, senão a suavidade natal, equilibram e dominam o que n'elle podia haver de ethnicamente meridional. Fála baixo e lentamente, medita como se estivesse sempre deante do microscopio ou do leito pathológico. Tudo quanto vem d'esse homem é probidade e reflexão.

Optimo informador para quem quer aprender.

Filho d'um paiz visinho do Mexico, não foi preciso estar com perguntas e respostas; não fizemos com elle uma entrevista; recebemos das suas mãos um prefacio, ouvimos-lhe uma preleção, um resumo de história do Mexico.

**A dictadura sophismada pela reeleição dos presidentes da republica.**

Pedimos-lhe apenas que nos habilitasse a entender os telegrammas que estes ultimos dias a imprensa publica sobre o Mexico, e elle, na sua ponderada voz, narrou:

—O Mexico viveu secularmente a vida dos pronunciamentos e das sublevações. Foi o paiz tradicional das usurpações e das dictaduras. Como toda a America. Hoje felizmente a maior parte das nações sul-americanas ingressarem n'uma vida politica normal, as luctas intestinas desarmaram, e mesmo as dissensões entre os diversos paizes da America do Sul e da America Central, estão quasi acabadas. Separava-nos e armava-nos uns contra os outros, as rivalidades de fronteiras. Tudo vae passado ou quasi passado. Deixamos assim de ser povos naturalmente inimigos, vivendo trancados por dentro na desconfiança de que o visinho nos forçasse a porta. O Perú tem as sua fronteiras delimitadas, a Bolivia tambem, Costa Rica já resolveu esse quebra-cabeças, o Chili idem, está

quasi definitivamente desenhada a fronteira brazilio-argentina. A America do Sul e America Central, portanto, encaminham-se para uma phase de inter-correlação que a todos trará optimas prosperidades. Principiamos agora a conhecer-nos. A Republica argentina foi a primeira a mandar um diplomata ao meu paiz, para travar relações com os homens publicos de Costa Rica, convidando-nos e insistindo pela nossa representação no congresso pan-americano. Não tardará uma arterialisação ferro-viaria internacional, irrigando as Americas Central e do Sul. A pacificação interna é perfeita, as desconfianças fronteiriças acabaram. Nem todas vivem ainda em pleno, em verdadeiro regimen republicano.

Ha alguns paizes, cujos presidentes se fazem reeleger successivas vezes, vivendo uma especie de soberania. Mas eu, estou convencido de que, — posto esse mal, affecte os «principios», e lêze um certo numero de pessoas mais directamente ligadas á vida publica —, para o bem colectivo é melhor do que substituir o reeleito, já habituado a governar, por um inexperiencede.

— E' a grande razão prática das monarchias. O soberano vitalicio, e a transmissão das qualidades herdadas adquiridas, sem fallar na eliminação das causas dos abalos que são sempre as eleições presidenciaes, nem na evitada perturbação da vida collectiva, sempre que um povo tem de banir um dictador que de eleito se torna tyrano, os tyranos benignos das democracias.

O que succedeu no Mexico logo que o general Diaz fallou a sua missão historica.

— Costa Rica ha muito que vive em verdadeira republica. Não temos

lucta, fóra da lucta eleitoral. N'esse momento, todo o paiz se interessa, apaixonou e combate; mas, eleito seja quem fór o eleito, todos o acatamos, e não ha mais dissensões nem discussões. A Argentina só ha 15 annos conhece essa educação politica. Nós somos, pois, plenamente felizes. Pequenos para as immensidades lendarias da America, somos todavia senhores d'uma felicidade immarcessivel. Terreno bem aproveitado, com um clima excellente, laboriosos e activos, chamam-nos a *Suissa da America Central*. Não tendo guerras nem perturbações que nos façam viver de cavallo aparelhado e espingarda carregada, temos todo o tempo por nós, para trabalhar e desenvolvermos a patria. Não succede assim com o Mexico, que tem atravessado os seculos em constante revolução. Dos presidentes e generalissimos, na historia do ultimo seculo, raros fóram os que não se fizeram dictadores. D'ahi o golpe d'Estado, a revolução, o pronunciamento, a sublevação, a usurpação, a instabilidade. Estava o Mexico n'uma das suas épocas de *brigandage*, quando o general Diaz assumiu a presidencia. O seu primeiro acto e continuo cuidado, foi acabar com os *brigands*, impôr a ordem. Claro que n'um paiz secularmente acostumado a falar de armas na mão, não se consegue assegurar essa ordem, senão praticando inclemencias. O general Diaz foi inclemente, cruel: fuzilou, prendeu, expulsou, desterrou. Pacificado o paiz, tratou de o desenvolver. O Mexico é um paiz riquissimo, cortado de minas e ainda por explorar methodicamente. O general Diaz não era um homem politicamente educado. Foi um pulso, uma força, que se impóz á anarchia. E conhecendo-se, chamou a si competencias, tratou da fiança, e rompeu estradas de ferro, creou o Mexico mo-

derno. Até ahí, o general Diaz respondeu á hora historica, que o chamou. Mas no momento em que, como Napoleão, falseou a sua missão, fazendo-se reeleger, retendo o poder vinte e oito annos — vinte e oito annos! —, arvorando-se em chefe d'Estado vitalicio, o general Diaz que conseguira estabelecer a paz e tornar perduravel a ordem publica, passou a tornar-se um perturbador d'essa mesma ordem, e causa da guerra civil.

#### A politica do general Diaz e a politica de Roosevelt.

Uma nova geração politica, revoltada contra essa dictadura, deu combate ao general Diaz, que não ha duvida que era um dictador, mascarado pela reeleição, mas um dictador. Ao passo que uma geração politica disciplinada e educada, errompia no interior, no exterior, a antipathia dos Estados-Unidos pelo general Diaz, apressou-lhe talvez a queda. Quero crêr, que os Estados-Unidos não representaram ahí mais do que o ambiente moral, que as revoluções justas produzem, e de que acabam por beneficiar. Mas ha quem diga que os Estados-Unidos, que ambicionavam a vasta e estrategica Bahia da Magdalena, para exercicio de tiro e appoio da esquadra americana, suppunham que as suas pretensões encontrariam opposição no general Diaz, pretensões tanto mais empenhadas em se realisar, quanto a America do Norte se arreceava de que mais tarde ou mais cedo o Mexico fizesse uma alliança com o Japão, e a este viesse a proporcionar a formosissima e abrigada Bahia da Magdalena. Roosevelt, presidente dos Estados-Unidos, teria por isso patrocinado a politica, que destronou o dictador Diaz. Taft haveria seguido a politica de Roosevelt.

Teria seguido e seguiu. Mas o que não creio é que os Estados-Unidos vendo, a houvessem seguido, por interesse e com mira nas vantajosas aguas da Magdalena. O natural é que a Norte America, vendo a politica dictatorial do general Diaz, e prevendo que essa politica fizesse retrogradar o Mexico ás insurreições do passado, sympathisasse com a pleia de legalistas do partido constitucionalista. Os partidarios de Diaz accusam os Estados-Unidos de ter fechado os olhos á passagem de armamento. Não está provado. O conflicto entrára na logica dos factos; o movimento legalista não podia deixar de avançar. Quando um paiz geme escravizado e algemado por um tyrano não ha terror, não ha algemas que o conttenham: a propria tyrania que lhe aperta as algemas é que acabará por lh'as partir. O Mexico soffria essa escravidão. Ou o dictador ou a Nação; e como não ha dictador que possa desfazer-se da nação, a nação viria fatalmente a desfazer-se do dictador. Surgiu Madero.

#### Quem era Madero.

Era um homem de estado, engenheiro distinctissimo, e rico, abastadissimo proprietario rural. O general Diaz não passava d'um d'aquelles antigos *brigands* que depois combateu, e venceu como mais forte, mixto de indio e de tarimbeiro. O dr. Madero era uma pessoa da melhor sociedade mexicana, esmeradamente educado, muito culto, um homem moderno, com todas as qualidades de homem de governo. Foi Madero que symbolizou a revolução latejante. Era o homem que a hora historica pedia. Attrahindo a si homens de valor, de cultura intellectual, formou-se um verdadeiro partido politico moderno.

**Do governo de Madero ao general Huerta. — A pressão do presidente Wilson — Sua interpretação.**

A defeituosa distribuição da propriedade rural, os excessos de favoritismo do general Diaz para com os privilegiados, — foi uma das plataformas do programma constitucionalista. Com um homem — que apparecera com Madero — e com um programma de reivindicações, não ha revolução que não vingue. Dominada hoje, triumphará amanhã; submettida aqui, explodirá mais adeante. E' a dynamica social, insophismavel, que não perdoa. No Mexico, não podia illudir-se a historia e a sociologia. Um dia, o general Diaz foi derrubado, Madero eleito, a revolução triumphante. Mas um anno depois, um golpe de mão e uma traição assassinava Madero.

Hoje o Mexico, governado pelo general Huerta, vive outra vez as horas de lucta armada, e ouve o que Madero nunca ouviu: uma intimação do Presidente da Republica dos Estados Unidos. Ora aqui é que o conflicto se torna curioso. Com os presidentes Roosevelt e Taft, podia admittir-se a hypothese d'uma politica de expansão. Com o presidente Wilson, não. Elle já declarou que não desejava territorios, e toda a gente sabe que o actual presidente da America do Norte reputa o seu paiz de posse de territorio sufficiente, e a economia politica da nação incompletamente cuidada. O sr. Wilson é um homem serissimo, um puritano.

N'elle não fala nem a megalomania imperialista nem a cubiça territorial. E' o puritano que quer ordem em volta da sua casa, e os principios respeitadas, como um homem sério que não supporta na visinhança do seu lar moradores escandalosos. Nem pretende terras, nem ambiciona mares.

Não fala na bahia da Magdalena, nem se acredita que venha a falar.

Exerce uma pressão moral, e essa bastará.

**O patriotismo mexicano esqueceria as dissensões internas para se unir contra uma politica de intervenção.**

Tambem não lhe permittiria outro, o patriotismo do povo mexicano. Perante um invasor, todos aquelles homens que hoje se odeiam e combatem, n'uma guerra de morte, esqueceriam immediatamente as suas dissensões, para fazer causa commum contra o estrangeiro. Oh! seria terrivel! Terrivel e intermino. Solo extensissimo e accidentado, denteado de cordilheiras, com defezas naturaes excellentes, poucas estradas, menos caminhos de ferro — comparado com a vastidão do Mexico, é claro —. Os Estados-Unidos não entravam lá, e se entrassem não o suffocariam, nem o conquistariam. Seria uma guerra de guerrilhas perante a qual a America do Norte esbarraria. E' impossivel! Os Estados-Unidos não intervirão pela força. Quando muito, o bloqueio. Mas supponho que a *pressão moral* e o *bloqueio financeiro* bastarão.

**O epilogo do governo de Huerta.**

O general Huerta expontaneamente ou forçado pelos seus, ha-de retirar-se. Curioso, o mais curioso é que — a ser verdade que Roosevelt e Taft hajam sido os apoios occultos da revolução que apeou o general Diaz, e portanto a ser verdade que fossem os Estados-Unidos os causadores d'esta perturbação do Mexico —, são agora os Estados-Unidos que pela voz puritana e sincera de Wilson veem

reclamar a ordem que os seus antecessores teriam ajudado a alterar. Em fim ainda bem que o sr. Wilson é o actual presidente da Republica norte-americana, e é o homem sério que é, mas depois? O que virá, depois de apeado o general Huerta? Eis o ponto escuro, o difficil. Oxalá que o homem escolhido seja acatado por todas as fracções e que, forte nas aclamações dos seus, seja bastante forte para se impôr aos contrários, e dominar a situação. Durará muito a resolução do conflicto do paiz com o general Huerta? Não pode ser muito delongada. A situação de Huerta é insustentavel. Sem appoio exterior, sem credito, sem quartel no interior, é

um homem condemnado. O mais rudimentar patriotismo e o mais elementar bom senso lhe indica o caminho da resignação do poder. Quer queira, quer não, tem de o seguir. O general Huerta é um homem entrincheirado numa casa, a quem tivessem cortado a agua e a luz, e ao pé de quem não deixassem chegar os fornecedores. Ha-de acabar por sair da casa, sem necessidade de lhe arrombarem as portas e de o empurrarem cá para fóra ».

Os tyranos, os despotas, os dictadores teem todos a mesma sorte: abdicar.

Os povos é que nunca abdicam !

---



# ENTREVISTA

COM O

ANTIGO MINISTRO DO MEXICO EM PARIS

## Dr. Miguel Diaz Lombardo

**O primitivo e esquecido programma politico do general Diaz — O programma dos constitucionalistas — O regimen de propriedade — Reivindicações populares.**

O Dr. Miguel Diaz Lombardo, antigo ministro do Mexico em Paris, instalou a legação na Rue de Presbourg, 19, um dos confortaveis trechos que cortam a *Avenue du Bois*, e fórram o polygono da *Étoile*.

Em fevereiro findo deixou a Legação.

Continua a servir o Mexico, mas não quiz servir o general Huerta.

A Legação saiu do predio onde estava. O ministro ficou.

Ahi o fomos conhecer uma tarde d'estas.

### A carreira politica do dr. Miguel Diaz Lombardo.

Quatro e meia, n'este tempo são luzes accêsas. Os salões da antiga Legação do Mexico jorravam já as vias-lacteas dos seus lustres, sobre o ouro velho dos estofos. O vestiarío dava signal de estar com visitas o Ministro. Ouvia-se rumor de vozes no gabinête de trabalho. E' natural que se conspirasse. Todavia o antigo diplomata não se fez esperar. Segundos depois

de eu estar no Salão, entrava o dr. Miguel Diaz Lombardo.

E' um homem extremamente sympathico, baixo, corpo e rosto redondo de hespanhol, bigode que mal começa a desbotar. Parece mais novo do que o que é, e a sua figura comó o seu tracto accusam o homem acostumado a cuidar do corpo e do espirito. Com effeito, Miguel Diaz Lombardo nasceu ha quarenta e seis annos na capital do Mexico, e, apesar de riquissimo proprietario, exerceu a advocacia durante vinte annos, vint'annos de triumphos.

A época do general Dias era uma d'essas épocas em que um povo se vê na obrigação civica de fazer politica, épocas sagradas em que só os miseraveis e os criminosos ousam voltar as costas aos soffrimentos da patria.

O dr. Miguel Diaz Lombardo cumpriu o seu dever: deu-se todo á politica, gastando com a lucta nacional boa parte da sua fortuna, e sacrificando-lhe uma rendosa e brilhante banca d'advogado.

O povo mexicano tinha uma aspiração de legalidade e liberdade; Madero symbolisou esse ideal colectivo; o dr. Miguel Diaz Lombardo integrou-se no movimento nacional, iniciado por Madero, com um fervor de apostolo.

Triumphante Madero, isto é, triumphante a nação, Miguel Diaz Lombardo aceitou a pasta de ministro de Instrução Publica e Bellas-Artes. Homem de estado moderno, sulcou o paiz de escólas rudimentares, cujo programma era: escólas para toda a gente, sem distincção de idades, aprender obrigatoriamente a ler, escrever, e instrucção militar. Compreendendo Madero a necessidade de ter em Paris uma pessoa que identificase a França com as suas idéas, escolheu Miguel Diaz Lombardo para plenipotenciario do Mexico, junto do Quai d'Orsay.

O malleavel talento do dr. Miguel D. Lombardo orientou a sua politica em França, de maneira a desfazer a irronea idéa que da politica de Madero se tinha aqui. E votando o Congresso Mexicano a auctorisação d'um emprestimo de 40 milhões de duros, o dr. Lombardo não só conseguiu essa somma como tudo quanto quizesse até 100 milhões (cem) a 5 %, sem hypotheca, tal a plena confiança que o Mexico inspirava á finança franceza depois que o dr. Lombardo o representava em Paris. Estava coberto e fechado o emprestimo quando rebentou o golpe d'Estado do general Huerta.

O Dr. Miguel Diaz Lombardo pede a sua immediata demissão, e consagra-se á restauração dos principios legalistas de Madero.

Um homem d'estes, que vem para politico quando a politica é um sacrificio, e para a diplomacia quando o seu talento é imprescindivel á causa publica do seu paiz, não podia ficar entretido a deitar bolinhas de

naphtalina na sua farda de plenipotenciario. Demittindo-se da representação official do Mexico, continuou, porém, a ser o effectivo agente do Mexico. A sua passagem pela diplomacia não lhe ankylosára a alma. A sua familiaridade com a lucta não lhe deixa suppor inferior á sua cathogoria de antigo embaixador o jaquetão e o chapéo mólle de conspirador.

Por isso mesmo, quando lhe dissemos que o desejavamos ouvir sobre o seu paiz, esse homem não teve o catharro diplomatico. Olhar franco, a voz prompta, o diplomata de hontem e o revolucionario de hoje, n'uma harmoniosa missão de patriota, expóz sem o menor rodeio os males da sua patria, e o programma da sua revolução.

Tinha que dizer: não tinha que occultar.

Confesso que quando o procurei, não contava encontrar-me com um apostolo, mas com um politico; em vez de um representante de chancelaria, saiu-me um representante do povo.

### O Mexico — seus bens e seus males.

Muito simplesmente, preveni-o:

— Não se magõe com a minha ignorancia sobre o seu paiz.

Os paizes, não portadores do titulo de *grandes potencias*, em vão podem ser precursors historicos, brilhantes e adeantados como Portugal, vastos e grandiosos como o Mexico: o mundo não se lembra d'elles. E' preciso que o rumor d'uma revolução atordôe os ouvidos da Europa, para que o egoista se recorde de que no seu *puzzle* geographico faltava aquelle pedacinho azul que é Portugal, ou aquella flamejante immensidade que é o Mexico.

Os jornais occupam-se, n'este momento, extensamente do Mexico. E'

o assumpto politico do dia. Desejava conhecê-lo, e tratá-lo. Quer informar-me das causas d'este estado revolucionario do seu paiz e da plataforma do partido adversário de Huerta?

— Com muito gosto — respondeu o antigo ministro do Mexico em Paris. — Os males que nos affligem são n'este momento encorporados pela traição de Huerta. Teem sem embargo uma remota historia. O Mexico é um abençoado territorio.

— E' vastissimo.

— Cinco vezes o territorio da França; tres vezes menos populoso. Dezesseis milhões de habitantes. Vastissimo e riquissimo: todas as temperaturas, o gelo no alto das montanhas, e o calor tropical. Um jardim onde ha tudo. Vida agricola, intensissima para certos productos, que constituem exportação, o café e a baunilha. Além d'isso optimas reservas: minas de metaes e de petroleo, cordilheiras, uma prodigalidade oceânica a servir-nos. Infelizmente esse abastado patrimonio colectivo caiu nas mãos de uma casta de privilegiados.

#### Os grandes marcos miliares da historia do Mexico contemporaneo.

— E essa desigualdade agraria tem alguma coisa que ver com a actual agitação mexicana?

— Tem tudo. E' a essencia do conflicto secular. Assim: em 1810, o cura Miguel Hidalgo y Costilla proclama a independencia aos gritos de: *Viva Fernando VII! Viva a santa Virgem de Guadalupe!* A independencia não bania apenas o colonizador, não libertava apenas o povo, era a libertação das raças: aboliu a escravatura. Quantos, mas quantos annos depois de nós, o Brazil fez a abolição! Depois veio o *movimento liberal*: 1823 ou 24, com tendencia para a separa-

ção da Igreja do Estado, que só se realisa em 1859. Mas em 1857, lavrase a lei que tem por objecto a desamortisação dos bens, de toda a especie de *pessoas moraes*: Igreja, municipios, comunidades de indios, etc. A' lei de 1857 segue-se a de 1859 que é a da *nacionalisação da igreja*. Dá-se então a *guerra da reforma*, guerra favorecida pela Igreja, e o governo liberal considerou, então, que devia *nacionalisar* os bens da igreja. A guerra dura tres annos, mas a *questão religiosa* desapareceu do Mexico desde 1859, até 1912.

#### Os baldios sem propriedade particular e sem propriedade communal.

— E que fazem dos bens desamortizados?

— Repartem-os. Mas não contentes em distribuir esses bens, vão-se aos baldios e repartem-nos tambem. Esta medida que podia parecer sábia, foi uma torpeza e um erro. Já vai ver o que succedeu. Desgraçadamente o indio a quem foram distribuidos os baldios não tinha instrumentos agricolas, não tinha gado, não tinha capital; forçadamente havia de recorrer aos grandes proprietarios, e foi o que succedeu. Os grandes proprietarios emprestam ao indio pequenas quantias; o indio não as pôde pagar; e poucos annos volvidos os indios encontravam-se sem a propriedade particular e sem a propriedade communal. O Estado favorecera mais uma vez os grandes da terra, e augmentara-lhes o privilegiado senhorio.

#### O grito de guerra do general Diaz.

— Senhores da terra o mesmo dá dizer senhores da força e do mando.

— E ao privilegio agrario correspondia, de facto, o monopolio do poder.

*Suffragio effectivo e não reeleição*, foi o grito de guerra e o programma do general Diaz. Com esse grito de guerra que emmanava do peito de todo o povo mexicano derrubou o general Diaz a D. Sebastian Lerdo de Tejada, um dos heroes da intervenção. Mas em seguida esqueceu a toada d'esse grito de guerra, esqueceu o programma nacional, e perpetuou-se no governo. Era um tyrano, manso, mas um tyrano. Concessões, terras, minas, tudo era maninho dos apaniguados do general Diaz. A casta dos privilegiados nacionaes augmentou com uma invasão de privilegiados estrangeiros. A' dictadura do general Diaz accrescia o receio de outro perigo maior: o de elle trespassar o poder a um dos seus que lhe continuasse a obra dictatorial.

**Os dois partidos: privilegiado e popular, defrontam-se.**

O dr. Miguel Diaz Lombardo que tem o sympathico vicio do fumo, e que fuma constantemente, como nós e como toda a gente que se preza, oferece-nos outro cigarro, serve-se tambem, e continua:

— Ao partido *porphirista* (assim denominado á custa do nome do seu chefe e simbolo Porphirio Diaz, e composto de fracções reaccionarias) oppõe-se e defronta-se o *partido constitucionalista* ou *partido popular*, que encarnou ás reivindicações do povo mexicano espoliado das suas terras. Era uma campanha *legalista* que pré-gava mais uma vez o *suffragio effectivo* e a *não reeleição* e era uma cruzada nacional popular, humana: um povo que pedia pão, o palmo de terra

dado ao homem para a sua cabana e para a sua sementeira. Madero, generoso e culto symbolizou as aspirações do povo mexicano, que indifferentemente apellidou esse partido, o *partido popular* ou *madérista*. De facto, o Povo e Madero reclamavam e batiam-se pelas mesmas idéas. Madero era o Povo; o Povo estava consubstanciado na grande alma de Madero. Como vê era uma revolução com profundas raizes. Tinha que vencer. E venceu.

**Huerta, cabo de guerra de Madero, attraição o Presidente — diz o antigo ministro do Mexico em Paris.**

— E como se explica que uma revolução feita em nome da alma popular, triumphe e seja derrubada do poder, um anno depois?

— Como se explicam todas as traições: foi o general Huerta que trahiu e assassinou o Presidente Madero, para se nomear Presidente da Republica do Mexico.

— Quem é hoje o chefe do partido constitucionalista?

— O general Venustiano Carranza. Do *partido porphirista*, o partido de usurpação, da reacção e da traição é muito justamente chefe o proprio homem que se diz Presidente do Mexico: o general Huerta.

**Como as potencias reconhecem o governo de Huerta.**

— E como reconheceram as potencias o governo de Huerta?

— Como? Pelas interessadas informações e *démarches* de potentados estrangeiros que não medrariam com um regimen legalista no Mexico. Compreende-se: um dictador tem de pagar a sua perpetuidade com continuas

concessões e favores. O homem, que é eleito pelo povo e sabe que não pôde ser reeleito, não compra, com os favores do poder, a consciencia dos apoiadores da tyrania.

— Quem foi a primeira nação que reconheceu o presidente Huerta?

— A Inglaterra. As outras nações seguiram a Inglaterra; só os Estados-Unidos se recusaram a reconhecer-o.

**O antigo ministro do Mexico em Paris impede o empréstimo que o general Huerta desejava lançar.**

— Huerta lutará ainda muito?

— Impossível! O Mexico está mais uma vez a braços com um usurpador, estribado n'um partido reaccionario, que em 1912 ressuscitou no meu paiz a questão religiosa que não existia havia quasi um seculo. Destronarêmos o usurpador actual como temos derrubado os seus historicos irmãos mais velhos, e contra todo o favor estrangeiro dominaremos o reaccionarismo.

— Que condições de resistencia tem Huerta?

— Poucas ou nenhuma. Huerta só se aguentaria, mercê do numeroso exercito. Isso custa dinheiro; elle não o tem, e não o arranja. Foi dos meus primeiros actos, depois que o pobre Presidente Madero foi tão cobardemente assassinado: fui ter, com o ministro das Finanças francês e fiz-lhe vêr que o partido *porphirista* que assassinára o presidente Madero seria vencido pelos *constitucionalistas* e que nós não reconheceríamos a legitimidade dos actos do governo de Huerta.

— E o ministro das Finanças francês?

— Respondeu com toda a pruden-

cia: *Pois não se auctorisará a colação do empréstimo.*

— Posso contar este facto.

— Sim, senhor. Ora o general Huerta, sem recursos, tem de cahir.

**A falta de liberdade no Mexico — um admiravel exemplo de sacrificio, n'um politico mexicano.**

— Ignorava-se até agora a genesis do actual conflicto.

— Não é mesquinamente partidario. E' politico, é da mais sagrada politica: a libertação de um povo, o resgate do sólo patrio aos privilegiados e ao estrangeiro, unico que lucrou e cresceu com a dictadura do general Diaz. Ah! naturalmente não se sabia isto na Europa.

O general Huerta faz propaganda a seu modo. Nós não temos o meio milhão que elle tem gasto com a sua propaganda.

— É no paiz. Tem imprensa?

— Imprensa? Nem liberdade de escrever nem liberdade de falar. O senador constitucionalista Belizario Dominguez fez testamento antes de pronunciar o seu discurso de setembro findo. Tanta razão tinha para isso, que no dia seguinte era assassinado.

— Como assim?

— Em 16 de setembro abrem-se as Camaras; no Mexico. Na sessão de abertura o presidente Huerta leu a tradicional mensagem, em que expunha a seu modo, a situação. O senador Dominguez levanta-se e diz:

*« Quem acredita no que acabamos de ouvir? Para quem falou o sr. Huerta? Para nós? Não. A nós não nos pôde enganar. Foi para enganar a nação. Pois o nosso dever é desenganar a nação, gritar-lhe a verdade. E a verdade é! tudo ruina, sangue, cadaveres. E*

*Porque? Porque a nação mexicana não quer ser governada pelo general Huerta. Perante isto, o dever do Congresso e da Nação é depôr Huerta, para evitar a continuação da guerra, e o perigo d'um conflicto estrangeiro. Sei que me espera a morte, como a morte espreita qualquer dos membros do Congresso que vóte a deposição de Huerta. Mas é um*

*dever patriótico votar-a.»* — No dia seguinte este senador era assassinado.

— E o Dr. Miguel Diaz Lombardo o que faz agora?

— Conspiro. Huerta conspira contra a Patria; eu, e a Patria conspiramos contra Huerta.

